

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Maria Margarita Santi de Kremer

**DIÁRIO DOS POMARES:
impressões, diálogos e sabores do setor educativo da Fundação
Vera Chaves Barcellos**

Porto Alegre
2024

Maria Margarita Santi de Kremer

**DIÁRIO DOS POMARES:
impressões, diálogos e sabores do setor educativo da Fundação
Vera Chaves Barcellos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto de Artes, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais, no segundo semestre de 2024.

Orientadora: Prof^a Dr^a Paola Zordan.

Porto Alegre
2024

Dados internacionais de catalogação na publicação
Rosa Helena Cunha Vidal CRB 10/1906

K92d Kremer, Maria Margarita Santi de

Diário dos Pomares : impressões, diálogos e sabores do setor educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos. Maria Margarita Santi de Kremer. – Porto Alegre, 2024.

50 f.

Orientadora : Profª Drª Paola Zordan.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Curso
de Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre, RS, 2024.

1. Arte educação. 2. Arte contemporânea. 3.
Sala dos Pomares. 4. Diálogos Arte/Natureza. 5. Fundação
Vera Chaves Barcellos. I. Título. II. Zordan, Paola (orientadora).

CDD 730

CDU 73

Maria Margarita Santi de Kremer

**DIÁRIO DOS POMARES:
impressões, diálogos e sabores do setor educativo da Fundação Vera Chaves
Barcellos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto de Artes, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais, no segundo semestre de 2024.

Aprovado em: ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Paola Zordan
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientadora

Prof. Dr. Eduardo Veras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinador

Profª Drª Bruna Fetter
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras e aos professores do Instituto de Artes e da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, universidade pública que proporcionou a mim um crescimento intelectual e inúmeras oportunidades de ensino e aprendizagem, cujo o valor é inestimável. Também presto homenagem à Fundação Vera Chaves Barcellos e à sua equipe pelo apoio durante a preparação deste trabalho. À artista Vera Chaves Barcellos e ao artista e escultor Patricio Farías pelo incentivo incondicional às minhas pesquisas tanto no campo da arte como da educação, mas principalmente pela generosidade em compartilhar comigo as suas experiências e saberes sobre Arte e História da Arte. Aos colegas de turma, cujo convívio desses anos foi de suma importância para o entendimento de questões sociais e de reflexões pertinentes à contemporaneidade brasileira e à importância do fazer artístico no âmbito coletivo.

Menciono o nome de pessoas, cuja existência e conhecimento específico estão presentes entre as letras e imagens deste trabalho: Prof^a Dr^a Paola Zordan, minha orientadora e maior incentivadora da minha atuação na Universidade; Prof^a Dr^a Camila Schenkel, pela sua parceria e generosidade nas trocas de experiências profissionais de educação e arte; Prof. Dr. Eduardo Veras, amigo, incentivador e parceiro em tantos projetos; Prof^a Dr^a Bruna Fetter por apontar novos caminhos repletos de possibilidades; Gaston Santi Kremer, Paola Santi Kremer, Pietra Santi Kremer, Renata Signoretti, Sofia Pasquinelli, Otto Signoretti Kremer, Inácio Signoretti Kremer, Nina Signoretti Kremer e Alice Dipp Flores Machado, minha família, que compartilha comigo o fazer arte a cada dia com um amor incondicional que me sustenta; *in memoriam* ao meu padrinho, Juan Pablo Lewis, primeiro incentivador a ingressar no mundo das artes visuais e a Yuri Flores Machado, companheiro atento e amoroso de todas as horas, trocando saberes sobre o campo da Arte e da Literatura, facilitando meus caminhos de pesquisa. Por último, e mais importante, agradeço e dedico este trabalho de conclusão de curso a todos os jovens e crianças que dividem comigo as suas liberdades individuais em novas experiências e únicas do apreciar e fazer arte. A arte e o ensino como arte são justificativas suficientes para continuarmos a plantar vida e projetar o futuro.

RESUMO

O trabalho trata das experiências com arte contemporânea e com a paisagem natural do entorno da Sala dos Pomares, o usufruir do jardim como um lugar relacional, colaborativo e de perspectivas no programa educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos. Para estabelecer conexões entre as coleções, os objetos, as imagens e a construção de conhecimentos produzidos pelos professores e estudantes, elaboramos objetivos, metas e processos didáticos para cada exposição. O museu e a escola no desempenho das suas funções de educar e cuidar acolhem estudantes dos diferentes grupos sociais buscando construir métodos, estratégias e recursos de ensino que melhor atendam às suas características cognitivas e culturais. A observação amorosa como forma de conhecimento e de acesso ao mundo, uma sofisticação do olhar humano sobre si mesmo e sobre a paisagem circundante da Sala dos Pomares. A possibilidade de estabelecer diferentes diálogos entre arte e ciência nos leva até o jardim das maravilhas da natureza, para chegar a se interrogar sobre o momento de sua emergência socioambiental e sobre a maneira que temos de proceder a manutenção da vida.

Palavras-chave: Programa educativo; Arte contemporânea; Sala dos Pomares; Arte e natureza; Fundação Vera Chaves Barcellos.

ABSTRACT

The work deals with the experiences with contemporary art and with the natural landscape around Sala dos Pomares, the use of the garden as a relational, collaborative and perspective place in the educational program of the Fundação Vera Chaves Barcellos. To establish connections between the collections, objects, images and the construction of knowledge produced by teachers and students, we elaborate objectives, goals and didactic processes for each exhibition. The museum and the school, in the performance of their functions of educating and caring, welcome students from different social groups, seeking to build teaching methods, strategies and resources that best meet their cognitive and cultural characteristics. Loving observation as a form of knowledge and access to the world, a sophistication of the human gaze on oneself and on the surrounding landscape of Sala dos Pomares. The possibility of establishing different dialogues between art and science takes us to the garden of wonders of nature, to come to question the moment of its socio-environmental emergence and the way we have to proceed with the maintenance of life.

Keywords: Educational Program; Contemporary Art; Sala dos Pomares; Art and Nature; Fundação Vera Chaves Barcellos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Portão de entrada da Fundação Vera Chaves Barcellos.....	12
Figura 2 - Antigo poço utilizado pela comunidade dos bairros Querência e Jardim Krahe de Viamão.....	13
Figura 3 - Paula Scamparini, Ninho, 2018.....	14
Figura 4 - Mariana Warchow, da série, Malas Gigantes, 2023.....	16
Figura 5 - Antoni Muntadas, Atenção, 2002.....	17
Figura 6 - Exposição Aã, Escada, 2017.....	18
Figura 7 - Elaine Tedesco, Mira el mirador, 2017.....	19
Figura 8 - Marina Camargo, Desvio, 2017.....	21
Figura 9 - Élcio Rossini, Composteira, ideias em ações sobre o espaço, 2017.....	22
Figura 10 - Antônio Augusto Bueno, Chão de Pomelos, 2017.....	23
Figura 11 - Vera Chaves Barcellos, Testarte VIII – O Cofre, cartão-postal, 1980.....	29
Figura 12 - Frente de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980.....	30
Figura 13 - Verso de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980.....	31
Figura 14 - Frente de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980.....	32
Figura 15 - Verso de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980.....	32
Figura 16 - Frente de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980.....	33
Figura 17 - Verso de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980.....	33
Figura 18 - Instalação realizada por um grupo de alunos do 9º ano do Instituto São Francisco de Cachoeirinha com a Professora Leticia Staudt	38
Figura 19 - Alunos da disciplina Corpo e Performance ministrada pela Profª Paola Zordan	39
Figura 20 Paola Zordan, Teia, 1993/2023	39
Figura 21 - Oficina de fotografia, Contemplar as Ínfimas Grandezas, 20/5/2023	40
Figura 22 - Expedições: desenhos ao ar livre com Claudia Hamerski, 20/5/2020....	41
Figura 23 - O céu como horizonte no caminho.....	43
Figura 24 - Guilherme Dable Linha, 2017.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O CAMINHAR, O PASSEIO COTIDIANO, CRIAR NO JARDIM	11
3 DIÁRIO DE VIDA: A SALA DOS POMARES E AS VISITAS	25
4 O LIVRO DE RECEITAS DO POMAR, PIQUENIQUES, SABORES E OUTRAS EXPERIÊNCIAS DE INTERAÇÃO COM A NATUREZA	35
5 APONTAMENTOS PARA O FUTURO NO JARDIM	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE.....	49

1 INTRODUÇÃO

Fazer parte da Fundação Vera Chaves Barcellos em Viamão (FVCB), o maior município em extensão da mesorregião metropolitana de Porto Alegre, sendo um dos primeiros núcleos de povoamento do Estado, significa conviver com as camadas históricas e culturais dos seus habitantes. Entre seus aspectos históricos, destaca-se a participação de Viamão na Revolução Farroupilha (1835–1845). Em frente à entrada do portão da FVCB, um símbolo religioso, a cruz das almas, rodeada de placas comemorativas aos feitos dos revolucionários aparecem como um monumento do patrimônio histórico do município. O terreno onde está assentada a FVCB teria sido o palco de uma das batalhas. Como configurar um território? Como lidar com o alastramento urbano, a expansão da cidade sobre a área rural? Como preservar as árvores, os pássaros? Como pacificar a terra e as pessoas que habitam? Como desenhar futuros?

Vera Chaves Barcellos (Porto Alegre, 1938–) criou em 2003 uma instituição cultural sem fins lucrativos para difundir, preservar e divulgar a arte contemporânea. Em 2005 inicia a construção dos prédios (reservas técnicas) que hoje abrigam as duas coleções de obras: a da artista, a de artistas contemporâneos e a Sala dos Pomares, o espaço expositivo inaugurado com a exposição *Silêncios e Sussurros*, em 2010. Neste momento inaugural a Sala dos Pomares já passou a fazer parte fundamental do meu percurso com ações educativas com arte e a natureza do lugar.

O presente trabalho se constitui em quatro aspectos das atividades desenvolvidas durante este período desde 2010 a 2024 incluindo apontamentos para o futuro na Fundação Vera Chaves Barcellos. O primeiro aspecto, *O caminhar, o passeio cotidiano, criar no jardim*, propõe a caminhada como método para a Arte e a Educação. Transformar o deslocamento obrigatório em um passeio cotidiano, em uma prática como a dos “artistas caminhantes” no cenário da Arte Contemporânea. Como uma prática de incursões nos territórios para estudar o meio ambiente e pesquisar as relações e interações sociais, tais como, acontece no campo das ciências humanas e exatas. Fazer uma cartografia dos caminhos tendo sempre em mente a incompletude no caminhar, pensar e imaginar no mesmo caminho para se manter atento as surpresas e novas descobertas nos territórios, nas curvas da trilha, nas novas proposições artísticas. O relato se constrói com o meu corpo em movimento no território passo a passo a organização do espaço e do tempo na ordem vital de cada

experiência do encontro com as obras, com a vida criando no jardim, sem esquecer a bagagem da caminhante¹. Algumas leituras iluminaram e acompanharam os trajetos, Solnit, Gros, Cauquelin, Zordan e Coverly.

O segundo aspecto *Diário de vida: A Sala dos Pomares e as visitas* é um relato e algumas reflexões sobre a arte de receber os diversos públicos para os exercícios de mediação e leitura das obras de arte nas exposições. Apresento aqui exemplos de produções realizadas a partir do material educativo que acompanha as exposições tanto na educação básica como no ensino superior. A obra propositora da artista Vera Chaves Barcellos *Testarte VIII O Cofre* utilizada com alunos da educação básica e as obras propositoras do material educativo para os estudantes de licenciaturas da UFRGS. A necessidade da beleza e o princípio do jogo para o desenvolvimento e aprendizagem na apreciação da arte.

No terceiro aspecto apresento a relação com os pomares: *O livro de receitas, piqueniques, sabores e outras experiências de interação com a natureza*. Produzir e colher os frutos. As experiências e a partilha, tempos de pausa e reflexão, tempos de alimentar e de celebrar. O cuidado de si e do nosso entorno. Explorar o ambiente, as oficinas e proposições no jardim, as performances e as instalações nos tornando participantes ativos no aprendizado.

¹ Com quatro anos de idade comecei a frequentar museus e sítios históricos conduzida por meu tio Juan Pablo Lewis, aos cinco anos ganhei dele a minha primeira maleta de pintura e materiais artísticos, logo, comecei a frequentar o ateliê de *Educación Criadora*, da professora Beatriz Vetori, sendo essa uma iniciativa da UNESCO, como as escolinhas de arte existentes no Brasil. Aos nove anos inicio o convívio com Beatriz Gochenechea de Tietjen com quem tive aula de pintura óleo, acompanhei o seu trabalho como docente na *Escuela Municipal de Artes Plásticas Manuel Musto*, também adentrando e convivendo na Reserva Técnica, quando ela foi diretora do *Museo Decorativo Odilo Estevez*, todas essas, instituições situadas em Rosario, Santa Fé, Argentina. Em 1984 obtenho Bolsa de Intercâmbio nos Estados Unidos da AFS/*American Fields Service*, cursando ao longo do ano, Cerâmica, Joalheria e Desenho Tridimensional, tendo também a oportunidade de visitar grandes museus e ateliês de artistas estadunidenses. Em 1985 ingresso na *Facultad de Humanidades e Artes da Universidad Nacional de Rosario/UNR*. Em 1988 inicio meus estudos no Instituto de Artes/UFRGS. Em 1990 integro o grupo de pesquisa da Prof^a Dr^a Icléia Cattani, *A arte como espaço de intertextualidade: releitura e repetições*, obtendo o *Prêmio Jovem Cientista* em 1993. Neste ano obtenho graduação em Artes Visuais: Habilitação em Desenho. Em 1994 realizo curso e estágio na *Escolinha de Artes da UFRGS*. De 1994 a 1996 atuo no *Centro de Desenvolvimento da Expressão/CDE* e na *Oficina de Artes Sapato Florido*. Em 1997 coordeno Projeto Pedagógico da *I Bienal do Mercosul*, prosseguindo como coordenadora nas três primeiras edições do evento. Nos anos 2000 sou professora de artes na rede estadual de educação, trabalhando em diversos projetos de ação educativa no *SEM/ Sistema Estadual de Museus*, além da execução de outros projetos na SEDAC e na *Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre*, com destaque para o Programa Educativo da *Exposição Êxodo*, do fotógrafo Sebastião Salgado na Usina do Gasômetro em Porto Alegre. Em 2007 fui professora substituta de desenho no IA/UFRGS. Em 2011 inicio os projetos da Fundação Vera Chaves Barcellos com as Secretarias de Educação de Gravataí, Viamão e Alvorada. Em 2014 passo a integrar a equipe de funcionários da instituição.

O quarto aspecto inclui *Apontamentos para o futuro no jardim*, avistar horizontes, colocar o horizonte na mira, ampliar a visão, observar, fabular, aumentar os pontos de vista. Intervir na paisagem com o movimento, preservando e respeitando os ciclos naturais, caminhando sobre a terra com a experiência da perspectiva da evolução humana coletiva. Aprender com as plantas sempre levando em conta a quantidade de recursos disponíveis. Aprender com as exposições as relações culturais possíveis e com a Arte superar o que já sabemos para examinar e celebrar o que não sabemos desejando eternamente aprender.

2 O CAMINHAR, O PASSEIO COTIDIANO, CRIAR NO JARDIM

Subir uma lomba como se fosse uma montanha, quase todo dia, superar o plano e se elevar como condição civilizatória. Encontro Anita Garibaldi (1821–1849), revolucionária brasileira conhecida por sua participação na Revolução Farroupilha. Essa é a história que se faz presente no caminho da minha casa à Fundação. Mais que a história de quase dois séculos, seu espírito de luta, libertador, junto a causa rebelde é o que trago para a caminhada. Os próximos percursos são no transporte urbano, reconhecer as companhias de viagens, observar a diversidade, ficar todos na mesma altura, nos mesmos movimentos tensos da urbe.

Caminhar como movimento. Desejar a coxilha, o sendeiro, o jardim, os pomares, caminhar como experiência, “[...] ou seja, caminhar é natural, ou melhor, é parte da história natural, mas optar por caminhar pela paisagem como uma experiência contemplativa, espiritual ou estética tem uma origem cultural específica” (Solnit, 2016, p. 145).

Empurramos e abrimos o portão para um universo de contemplação e depois dos primeiros passos, cercados por bromélias, paramos no poço onde o avanço da natureza se faz presença. Uma árvore cresce desde as profundezas de lodo e água que outrora serviu a toda região. Para mim, a descoberta aconteceu com o relato emocionado da professora de Educação Infantil da EMEI Querência, ela e o avô buscavam água de carroça para abastecer família e vizinhos. As crianças e eu, incrédulas, conversamos sobre as transformações ocorridas, a facilidade da água que sai da torneira, mas também, do incômodo de quando ela falta e de como ela se constitui o nosso bem mais precioso. Seguir a curva, continuar o caminho entre as árvores, o céu como horizonte, tomar conhecimento do terreno. Com um grupo de senhoras (grupo maturidade ativa do SESC Viamão coordenado por Aline Godoy), descubro os chás no caminho, carqueja, poejo e a marcela para ser colhida na sexta-feira da Semana Santa, sabedoria e tradições populares de cura aprendidas no trajeto.

Figura 1 – Portão de entrada da Fundação Vera Chaves Barcellos



Figura 2 – Antigo poço utilizado pela comunidade dos bairros Querência e Jardim Krahe de Viamão.



Os arbustos de vassoura branca (*Baccharis drocunculifolia*) colhidas nas bordas do caminho utilizadas para construir vassouras rústicas que irão varrer o chão das áreas externas. No fim do verão e no outono, as gramíneas, as flores silvestres formam uma paleta de cores: roxo, cobres, ocre e amarelos por todo o campo. Os dentes de leão (*Taraxum officinale*) transformam o lugar no campo dos sonhos e desejos, com as crianças, e às vezes, os adultos soprando seus pedidos ao vento. Seguindo a trilha em pequena elevação, chegamos à próxima curva onde uma

pequena árvore costuma ser a parada de diversos pássaros, no chão se forma uma poça de água nos dias de chuva, onde as várias espécies fazem a festa.

Do outro lado do caminho duas goiabeiras oferecem seus frutos amarelos anunciando o outono. Desde 2018, a obra *Ninho*, da artista Paula Scamparini (Araras, SP, 1980), um colchão de cimento, areia, isopor, ferro, tela e arame faz parte da paisagem. O lugar que ocupa sobre a grama fica próximo à reserva técnica e em diagonal a um ninho de João de Barro (*Furnarius rufus*) fixado numa das janelas do prédio. As conversas no entorno do colchão envolvem questionamentos em torno da arte contemporânea, meio ambiente e sociedade.

Figura 3 – Paula Scamparini, *Ninho*, 2018



A artista afirma que a peça contracena a sua perspectiva em relação ao que está fora, no mundo, no outro, na natureza, na cultura. Geralmente, um outro coletivo torna esse ato visivelmente político, como qualquer anotação de mundo, que a partir de alinhavada, passa necessariamente a ser. De fato, os grupos interagem com a obra com surpresa e humor, mas com reflexões críticas sobre o espaço público, as cidades,

o consumo, a saúde e a necessidade do sono reparador como necessidade vital, o repouso, a quietude no ninho, entre tantos outros temas. É também necessário alertar aos estudantes sobre o material utilizado na obra para evitar acidentes. O material confunde: não é espuma, não é macio, é o duro do concreto, do objeto construído pela artista. Na obra a utilidade do colchão fica em questão, dormir, se aninhar, sonhar, descansar, fabular, realidade e ficção como necessidade perante a dureza da cidade.

Neste ponto o caminho se bifurca e podemos escolher visitar as reservas técnicas com as obras e coleções, o local de trabalho de guarda preservação e produção de novas exposições e seus tantos desdobramentos; ou seguir o sendeiro da Sala dos Pomares e seu entorno.

Do lado esquerdo abraçando uma das árvores, uma série de esferas de cerâmica como um colar despertam a nossa curiosidade. A obra de Mariana Warchow, da série *Malas Gigantes* funciona como uma antecipação do que iremos praticar: exercícios de observação, conexão e reflexão. A artista moradora do Centro Budista do Caminho do Meio, próximo à Fundação Vera Chaves Barcellos produz esta série inspirada no japamala (tem origem no sânscrito, japa: “murmurar”, mala: “colar”) objeto de devoção espiritual conhecido como rosário de orações no ocidente. A obra se inicia como uma prática individual, onde cada participante modela sua esfera de argila olhando para si mesmo, olhando para seus pensamentos, meditando, depois furadas, se tornaram cerâmica na queima realizada pela artista que também as deixará conectadas por um cabo de aço que fica oculto como um segredo da conexão. Segundo a artista trazer a questão do indivíduo em relação ao coletivo na produção da proposta artística traz reflexões sobre a arte participativa e colaborativa. A arte pode conduzir a um caminho de consciência individual e social.

Figura 4 – Mariana Warchow, da série, *Malas Gigantes*, 2023



Os próximos passos nos levam a obra de Antoni Muntadas (Barcelona, Catalunha, Espanha, 1942) *Atenção*, 2002. O *backlight* tinha sido fixado originalmente no subsolo da Galeria Chaves, no Centro de Porto Alegre, junto a escadaria que liga o piso da Rua dos Andradas ao da José Montaury, se apresentando como um paradoxo, poucos transeuntes prestavam atenção, a maioria tomados pela voragem do centro da cidade. Por ocasião da montagem da exposição *Destino dos Objetos*, Viamão, 2015, com curadoria do Prof. Dr. Eduardo Veras a obra foi instalada no jardim, próxima a entrada da Sala dos Pomares. Desde então o aviso/slogan de Muntadas tem sido o lema do programa educativo e o preâmbulo das visitas.

Figura 5 – Antoni Muntadas, *Atenção*, 2002



Do lado direito da sala de exposições está a varanda de onde podemos dar um salto ao espaço mirando o céu, um exercício singelo de tentar voar, um primeiro ensaio, um pulo. Também rolar na grama nos cobrindo com folhas secas de eucalipto. Caminhar entre as árvores frutíferas, na primeira linha, os cáquis com suas copas douradas e avermelhadas no outono, na segunda linha, para colher no inverno, as bergamotas e mexericas. Seguindo em direção ao fundo do pomar entre linhas e colunas, laranjas de umbigo, de suco, “valência” como na Espanha, de doce com casca grossa para virar confeito. No fundo, as limas, limões cravo, limão siciliano. No meio da grama está a escada de uma casa invisível, ou uma escada para alcançar o céu ou o infinito. A reconstituição da escada a partir de uma foto da capa do livro Vera Chaves Barcellos: *Obras Incompletas*, de François Soulages, uma das primeiras realizações da FVCB foi executada para a curadoria da exposição *Aã* do duo *Ío*, formado por Laura Cattani (Les Lilas, França, 1980–) e Munir Klamt (Porto Alegre, 1970–) em 2017. Nas palavras deles mais que um utilitário arquitetônico: é um protagonista. De fato, faz parte de cada visita ao Pomar para subir, pular, voar, imaginar.

Figura 6 – Exposição Aã, *Escada*, 2017



Em 2018, Elaine Tedesco (Porto Alegre, 1963–) constrói, especialmente para a exposição *Apropriações, Variações e Neopalimpsestos*, a obra *Mira el mirador*. A instalação permitiu ao espectador duas possíveis camadas de interpretação: a obra em si, enquanto intervenção artística no meio das árvores, e a obra em interação com o espectador, como uma generosa reorganização do mirar e do contemplar. Principalmente para os jovens e as crianças durante os dois anos que ficou junto ao Pomar, foi uma experiência de observação amorosa como forma de conhecimento e de acesso ao mundo, uma sofisticação do olhar humano sobre si mesmo e sobre a paisagem circundante.

Figura 7 – Elaine Tedesco, *Mira el mirador*, 2017



Lembrando uma relação de obstinação e de fixação do olhar, modo de operar comum aos ornitólogos e aos biólogos, aos caçadores e aos fotógrafos que para distinguir e ordenar os seus objetos, condicionam e focam o olhar. Tal procedimento é conhecido dos artistas visuais. Também é o procedimento convocado na sala de exposição, se deter ante os objetos e imagens focando o nosso olhar sobre eles. No entanto, dentro da sala mantemos o plano horizontal das relações sociais convocando o diálogo em rodas onde todos temos voz. É no jardim que acedemos a um alinhamento vertical com a terra e o céu, com a matéria e o espírito, com pequenos seres e margaridas amarelas e outras tantas florezinhas silvestres.

Voltando em direção a varanda, duas árvores de pomelo e duas de acerola antecedem os kiwis. No fundo da sala, as ameixas pretas de Java e as duas majestosas mangueiras que fornecem a sombra para as pausas e piqueniques. Do lado esquerdo uma trilha entre as pereiras e mais próximo da cerca, dois abacaxis e uma amora do mato, alguns passos mais e encontramos a parreira que a cada verão

alimenta as aracuã (*Ortalis canicollis*). Neste canto do jardim a grama e alguns espaços abertos convidam as brincadeiras, rodas, corridas, saltos, esconder-se entre as árvores, mas também observar, pesquisar, desenhar e pintar.

No outono, cogumelos, líquens, fungos na primavera, lagartas, futuras borboletas, aranhas, joaninhas, besouros, insetos de todos os tipos. No inverno, o orvalho, a neblina, o frio e os vapores incitam a caminhadas mais enérgicas e misteriosas. Caminhar, às vezes para fugir dos céus cobertos, do céu cinza, da tristeza ou melancolia dos dias frios:

Caminhar imerso na Natureza é uma solicitação permanente. Tudo nos fala, nos saúda, chama nossa atenção, as árvores, as flores, a cor dos caminhos. O sopro do vento, o zumbido dos insetos, o impacto dos passos no chão: é tudo um sussurro que responde a nossa presença. Também a chuva. Uma chuva leve e doce é um acompanhamento permanente, um murmúrio que se escuta, com suas entonações, suas eclosões, suas pausas: os salpicos distintos da água que pinga na pedra ou a longa trama melódica da cortina de chuva que cai a um ritmo regular. É impossível estar só quando caminhamos, tendo diante do olhar tantas coisas que nos são dadas, que se fazem nossas por essa tomada de posse inalienável da contemplação (Gros, 2021, p. 59).

Os pomares ficam circunscritos pelos eucaliptos, presenças marcantes pela sua altura e atividade constante de soltar as folhas, de se desnudar soltando a casca fendida de longas fibras que se desprendem em peças compridas que caem nas copas de outras árvores ou desmaiando no chão. Com o vento, eles são a orquestra, concerto com os três movimentos: rápido, lento, rapidíssimo, como em Vivaldi e Bach. Nesses dias mais ainda se caminha em silêncio e no ritmo do concerto, vento e orquestra de eucaliptos tentando apaziguar o espírito não deixando nos agitar.

Talvez agitar-se seja parte das descobertas das turmas da educação infantil, com as pitangas e ameixas colhidas na primavera. Os pulos na escada da “casa invisível”. A escada para o céu ou a escada para o cenário das fotografias. Nomear as árvores, eucaliptos, pinheiros, capororoca (*Rapanea ferruginea*, *Myrsinaceae*), as frutíferas, as plantas, as bromélias e os insetos que as habitam. Correr entre as árvores alinhadas do pomar, pequenas sensações de se perder em um ziguezague entre as linhas ou a pequena vertigem depois de rolar na grama e ficar coberto de folhas secas, formas de adentrar a paisagem dominar e descobrir o equilíbrio corporal, saber e estar no mundo.

Buscar outros caminhos, circundar as reservas e encontrar as coletividades que trabalham juntos, os cupins e as formigas, colaboradoras na obra de Marina Camargo (Maceió, 1980), *Desvio*, 2017, intervenção e instalação com placas de aço inox e formigueiro. Colher pequenos tesouros, um ninho, um pedaço da casinha dos marimbondos, uma casquinha de ovo de passarinho, uma pinha, sementes, folhas.

Figura 8 – Marina Camargo, *Desvio*, 2017



Descobrir os marimbondos construtores na parede do fundo da sala de exposições. Seguir o caminho demarcado entre as pereiras, caminhos se entrelaçam, um bosque pequenino esconde a *Composteira, ideias em ações sobre o espaço*, 2017, uma instalação de Élcio Rossini (Porto Alegre, 1959). O artista varreu as folhas, vários dias, construiu uma caixa de madeira onde guardou um velho desenho entre outros objetos, cobriu a caixa com folhas secas, ações registradas em vídeo, uma placa com um QR code permitia o espectador acessar as imagens em outro tempo e lugar. O mundo natural está sempre nos contando histórias. Voltar ao pomar, desenhar as árvores, as fileiras, os tipos, quantas são, contar os frutos, exercícios matemáticos.

Figura 9 – Élcio Rossini, *Composteira, ideias em ações sobre o espaço*, 2017



Em *Chão de Pomelos*, 2017, instalação no pomar de 92 peças de cerâmica do artista Antônio Augusto Bueno (Porto Alegre, 1972–) espalhadas entre as laranjas caídas depois das chuvas e se decompondo confundem o que é obra, o que é artifício, o que é natural. “A natureza-paisagem: um só termo, um só conceito – tocar a paisagem, modelá-la ou destruí-la, é tocar a própria natureza [...]” (Cauquelin, 2007, p. 39).

Figura 10 – Antônio Augusto Bueno, *Chão de Pomelos*, 2017



Aproximar esses dois mundos o da arte e o da natureza será nossa vocação. Praticar *Gaia Educação*, com a alegria de estar vivo, em comunhão com a natureza, aceitando as dificuldades inerentes à vida. Pensar “Terra, Géia e Gaia é viver a intensidade de todas suas matérias e do espaço que o circunda” (Zordan, 2019, p. 13).

O território que ocupa a FVCB, mesmo marcado pela passagem do tempo, pelas construções e desconstruções dos homens, é preservado e legado por Vera Chaves Barcellos para resistir como paisagem e lugar de poesia e para qual não medimos esforços, para que crianças, adolescentes e adultos tenham a oportunidade de ser um pouco mais sujeitos de sua própria vida, um pouco mais desejantes. Provocar, descobrir e redescobrir possibilidades graças aos encontros com arte e à abertura de uma outra dimensão de desejos, sonhos, devaneios que são uma parte vital de cada um de nós. Hoje em dia, não é tão fácil provocar.

Uma sociedade estagnada, com um sistema de valores inflexível, é muito mais suscetível a perturbações do que uma sociedade pluralista. Um dos jogos de provocação simples nos dias bonitos no outono, na primavera e no verão é tirar os sapatos e andar descalço. As pedrinhas, uma roseta, um galho pode incomodar, a

grama nos fazer cosquinhas, por outro lado as solas dos pés são estimuladas podemos sentir os pés quentes. Se descalçar como uma pequena revolução dos valores vigentes. É importante desenvolver uma percepção para a rede de interdições e convenções dentro da qual nos movimentamos. Pés na terra. Isso não é tão simples, pois justamente o óbvio é difícil de se apreender.

A maioria das pessoas nunca vão além do que conhecem, a tecnologia, GPS e celulares não deixam lugar a imprevistos. As notícias alarmistas, o ritmo acelerado da vida a insegurança nos deixa em constante prisão domiciliar, e principalmente, as crianças sob o jugo apreensivo dos pais. Segundo o filósofo alemão Walter Benjamin (1892–1940) perder-se é estar plenamente presente, e estar plenamente presente é ser capaz de submergir-se na incerteza e no mistério. E não é acabar perdido, é sim se perder, o que implica em uma eleição consciente, um estado psíquico ao que acedemos pela geografia.

Fazer a caminhada todos os dias é como afastar-se para perto. A uma incompletude no caminhar, pensar e imaginar no mesmo caminho. A alegria das surpresas no ato de caminhar como instaurador das experiências. Passo a passo a organização do espaço e do tempo na ordem vital da experiência. “Na verdade, ficamos com a impressão de que o ato de caminhar se torna uma atividade tão nobre e elevada que começa a parecer não tanto uma oportunidade de experimentar a natureza quanto uma tentativa de reproduzir a arte” (Coverley, 2014, p. 103).

3 DIÁRIO DE VIDA: A SALA DOS POMARES E AS VISITAS

Receber visitas na Sala dos Pomares tem sido fonte de alegria constante no decorrer desses anos. O convite inicial é sempre a agudizar os sentidos da visão, da audição dentro da sala, do olfato, do tato, do paladar no jardim e nos pomares. A cada semestre com as mudanças das estações uma nova exposição é instaurada na Sala dos Pomares. O museu, as coleções, os curadores, os artistas e as visitas. As possibilidades de reencontros e novos encontros estimulam novas abordagens e métodos de leituras das obras de arte para pensar e sentir com as visitas sobre as questões apresentadas tanto pela exposição como em cada uma das obras e nas relações que entre elas se estabelecem.

Des-elitizar o acesso das obras de arte, mergulhar nos diferentes processos artísticos e possibilitar uma circularidade entre os diferentes níveis culturais dos artistas, curadores e diversos públicos se tornam desafios cotidianos. Ampliar a visão de mundo, decifrar os diferentes repertórios e traços culturais dos visitantes, seja através dos diálogos ou de conversas que aparecem nos exercícios criativos em uma atividade predominantemente oral, mas estimulando também outros caminhos interpretativos e fazendo com que as obras de arte sejam sentidas em toda sua expressividade enquanto arte. Eu sou iminentemente oral em meus exercícios com as obras em exposição.

A força da palavra emitida vai aos poucos acionando a alavanca do pensamento; desdobrando-se no tempo, termina por efetuar o mundo gerando o povo por vir a que se dirige. Deleuze e Guattari salientam a temporalidade hesitante, da gagueira tateante na qual se espria um pensamento em vias de ser fabricado, ideias que vão sendo produzidas na presença vivas de corpos em atmosferas carregadas de forças que os atravessam e reorganizam [...]. (Ferraz, 2021, p. 14).

O escritor alemão Heirinch von Kleist (1777–1811) escreveu a respeito da íntima vinculação entre a fala e o pensamento. Uma,

[...] elaboração paulatina da fala funciona, segundo a tese Kleist, como uma roda paralela à do pensamento, ambas girando e se comovendo em torno de um mesmo eixo. As ideias vão sendo, portanto, gradualmente fabricadas enquanto se está falando [...].

[...]

Eis como Deleuze e Guattari comentam o procedimento kleistiano: ganhar tempo, e depois renunciar, ou esperar. Necessidade de não ter controle da língua [...]. (Ferraz, 2021, p.16 e 19).

A cada grupo que recebo indico o poder de fala, sem respostas prontas, a possibilidade de expressar com total liberdade qualquer ideia nova, imprevisível, ocorrências instantâneas. Segundo Kleist, não haveria, portanto, separação entre razão, pensamento e corpo. Pensar se efetuaria em função de intensidades afetivas, em total consonância com os movimentos e oscilações da *alma-corpo* (*Gemüt*).

As características da sala e do entorno favorecem esses movimentos. A obra com o slogan de Antoni Muntadas, *Atenção percepção requer envolvimento*, é o indicativo para o tipo de experiência que iremos apreender. O primeiro convite é para experimentar o eco, fenômeno físico da Sala dos Pomares. Muitas ideias, pensamentos, sentimentos devem ecoar no coletivo do grupo e individualmente em cada um de nós. As janelas trazem o fora para dentro e nós somos convocados a levar o dentro para fora.

As janelas quadriculadas e coloridas multiplicam os focos de visão. Jogos e modos de olhar agudizam nossa mente. Na realidade, acontece com a beleza um pouco a mesma coisa que com o jogo. O antropólogo David Graeber (1961–2020) observa que todos os animais jogam, até as lagartas, as formigas ou os caranguejos, mas a existência do jogo no mundo animal era considerada como uma espécie de escândalo intelectual e muito pouco estudada. Para ele, o princípio do jogo estaria presente não apenas em todas as criaturas vivas, mas estaria também na base da realidade física e material, “[...] até mesmo no nível das partículas subatômicas que poderiam ser capazes de certa liberdade, de ter experiências [...]” (Petit, 2024, p. 27).

A beleza é uma dimensão indispensável aos seres humanos, uma necessidade universal, mesmo sabendo que reagimos a ela de formas muito distintas, em função da época, dos grupos culturais, das categorias sociais e das individualidades. Há sempre uma poética, o utilitário não basta. E uma vez que temos uma necessidade de beleza, temos todo o direito a ela. Ensinar como acolher beleza, promover um diálogo entre a emoção estética e o intelecto. O professor e o mediador cultural não podem abrir mão de reconciliar a busca pelo belo com a busca pelo conhecimento, a fim de reduzir a distância entre arte e informação.

Pesquisas demonstram que a educação artística melhora não apenas os resultados escolares, mas aumenta também as chances de sucesso profissional dos alunos². Na Sala dos Pomares podemos reintroduzir o devaneio nas situações de

² As pesquisas referidas correspondem ao trabalho desenvolvido por Abigail Housen (1945 - 2020) que criou um processo de leitura que integra o ler e refletir a obra de arte, fazendo o observador pensar e

aprendizagem algo tantas vezes erradicado da situação escolar. A escola onde os alunos são vistos como um exército que deve funcionar com uma obediência cega e precipitada respondendo a uma política tirânica do imediatismo, essa ideologia da produtividade, onde o tempo de aprender se torna escasso. Mediante as exposições e as obras de arte estimulamos a atividade poética e utópica dos alunos, despertando neles novos desejos alimentados por referências de qualidade, verdadeiramente internalizadas, com a potência estética das obras, mas também com o conhecimento e a elaboração do pensamento rumo às atividades reflexivas.

O desafio é provocar o encantamento graças ao espaço de devaneio, lugar de elaboração de todos os possíveis, dos sonhos e desejos. Também provocar o enriquecimento das funções da linguagem, compartilhar a leitura em voz alta, descobrir a potência retórica de alguns alunos que se escondem em seus gorros, em posturas de indiferença ou de oposição ativa, nesses tempos em que ela, a linguagem, vem se tornando essencialmente uma arma de defesa, de proteção, de sobrevivência ou dominação, onde a sua função é interromper e contestar o outro. Para que a linguagem da arte torne o mundo mais habitável e amistoso, às vezes são necessárias outras palavras, as de uma mediadora que acolha e sonhe o mundo com cada pessoa. Um acompanhamento, uma escuta, muitas conversas.

O principal foco do trabalho de mediação deve ser o de ajudar a aumentar as habilidades perceptivas entre espectadores iniciantes. O objetivo é que o espectador iniciante tenha uma conexão séria e profunda com a arte, adquirindo confiança sobre a criação de sentido a partir de algo não familiar ou incomum e que possam explorar objetos sem a presença de mediação. Desejo que aqueles a quem ensinamos se tornem autossuficientes o mais rápido possível. O entendimento e a ligação com a arte começam ao se olhar para ela, o problema estaria na mediação que explica e ensina a recepção passiva, e não o olhar ativo. Trata-se de desconstruir o mito de que a arte contemporânea é para poucos ou que se precisa saber muito antes de se conectar com a arte, os impede de olhar e pensar por si próprios. Conquistar a autonomia do espectador deve ser a nossa meta.

Não podemos confundir os campos estético, ético e político, mas precisamos reconhecer que a beleza constitui uma dimensão humana, não um luxo, é um direito

verbalizar sobre a imagem. Em 1983 publicou *A Teoria do Desenvolvimento Estético* em que propôs estágios de aprendizagem voltados à apreciação estética, com cinco níveis da compreensão estética, destacando a importância da ampliação de repertório e a apreciação da arte.

de todos. Atacar a arte reflete também o desejo de aniquilar os sonhos, de querer controlá-los, as construções estéticas e culturais são o sonho cotidiano da humanidade, a sua ausência nos destrói. A cultura, no sentido amplo, tem a função do sonho que nos humaniza e preenche nossa vida de significação e sentido. Contudo, se o sonho é uma criação que só faz sentido para quem o sonhou, se for decifrado, as obras de arte são singulares, mas ao mesmo tempo partilháveis. Lembremos aqui da reflexão do filósofo estadunidense Arthur Danto (1924–2013), que ao final de sua vida defendeu a ideia de que as obras de arte são sonhos materializados. A condição é que alguém tenha tornado sua apropriação desejável por meio de toda uma arte do fazer. O foco é ajudar a aumentar as habilidades perceptivas do espectador onde se torna um participante ativo no aprendizado.

Luis Camnitzer advoga por involucrar e potencializar a ação dos espectadores para que deixem de ser entes passivos e se transformem em agentes ativos. Essa importância das pessoas e de seu papel na arte fica expresso no ensaio *A Arte sucede no espectador*, a arte não sucede no objeto artístico e sim no espectador. O objeto artístico é um corredor que determina o percurso entre o artista e quem observa e recebe a obra. Uma boa obra obriga a um processo de imersão que distrai do objeto em si e favorece a experiência.

Entendendo assim a educação e o papel do espectador, a arte vira um espaço de transformação no qual tem que observar, negociar, criticar e utilizar as ideias e as obras para estabelecer conexões e construções próprias e pessoais. É o espectador que tem que complementar a obra apropriando-se dela para que possa construir sentidos significativos que contribuam para compreender o mundo e seu papel nele. Conservar a sensibilidade é uma batalha cotidiana, com as obras e os artistas nos exercitamos para este combate em prol do sensível na Sala dos Pomares.

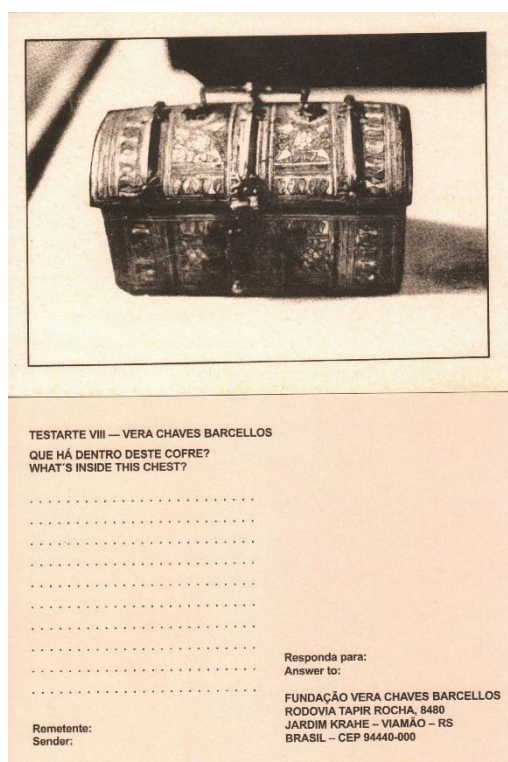
Todos chegamos ao conhecimento do mundo a partir de um ponto de vista pessoal, e nem por isso, esse conhecimento é empobrecido. Toda pessoa compreende a vida com base em pequenos eventos pessoais. A experiência em primeira mão é o que mais importa. É por nos basearmos naquilo que sabemos e vivenciamos que podemos partir para complexidades maiores.

A arte contemporânea nem sempre está em busca da beleza e nem tudo que é belo é arte. O universo não precisava ser belo, “[...] é um sinal para sabermos que há um sentido nessa criação. A beleza leva ao sentido. E a alma humana responde a essa beleza com a criação artística” [...] (Cheng, 2006, p. 35). As três últimas

exposições na Sala dos Pomares, *Haverá Consequências* (2022) com curadoria de Bruna Fetter (Rio de Janeiro, 1981–), *Eloquência e Eficácia* (2023) com curadoria de Ana Albani de Carvalho (Porto Alegre, 1961–) e Paulo Silveira (Porto Alegre, 1958–) e *Sem Metáfora* (2024) com organização de Vera Chaves Barcellos, favoreceram nas suas respectivas propostas a uma melhor compreensão do tecido social e político contemporâneo na sua dimensão atual em relação ao tempo e lugar dos acontecimentos, aos diálogos e reflexões críticas apontando possíveis saídas ou lampejos de futuro.

O material educativo da exposição *Eloquência e Eficácia* trouxe como uma das lâminas para as atividades, o *Testarte VIII – O Cofre*, cartões-postais, 1980, de Vera Chaves Barcellos. Em 1974, Vera Chaves deu início à série Testarte, obras que levam a exercícios mentais a partir de perguntas ou proposições, testes dirigidos ao espectador, dando ênfase ao seu papel em relação à obra/imagem. Os *Testartes* de Vera estabelecem vínculo com o espectador participante, que se une a obra, aceitando o desafio que a artista propõe, opinando, respondendo, integrando-se ao processo de comunicação participativa.

Figura 11 – Vera Chaves Barcellos, *Testarte VIII – O Cofre*, cartões-postais, 1980



A obra deixa de ser uma representação apenas visual, para se tornar um elemento de ligação de mistura de jogos de interpretação. Deixa de ser obra aurática para se tornar obra vinculada à mídia visual, por meio do processo fotográfico. Processo que o filósofo alemão Walter Benjamin (1892 – 1940) demonstrou em seu famoso ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936), em que a aura seria “uma trama peculiar de espaço e tempo” (Benjamin, 2021, p.59) que desaparece com o estabelecimento permanente das técnicas de reprodução a partir do século XIX. Este salto da artista para um novo mundo da arte, como meio de comunicação, retrata a inquietação menos presa às convenções culturais vigentes na modernidade para uma visão de maior liberdade na experiência pós-moderna abrangente, buscando sintonias mais próximas da própria obra, junto ao espectador (Rhode; Cauduro, 2003, p. 143).

A turma 71 da Professora Neusa Janete da EMEF Amador Nunes da Rocha, Espigão, Viamão, produziu seus cartões-postais respondendo: Que há dentro deste cofre?

Figura 12 – Frente de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980

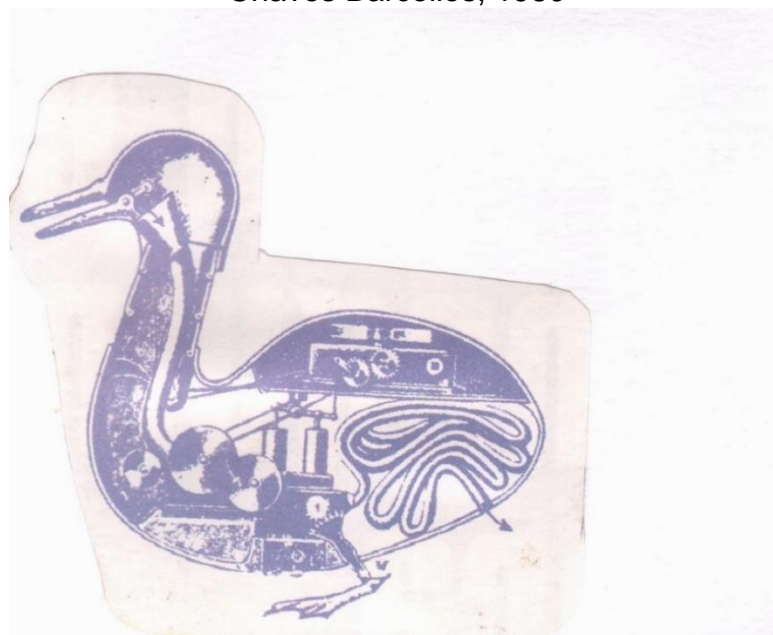
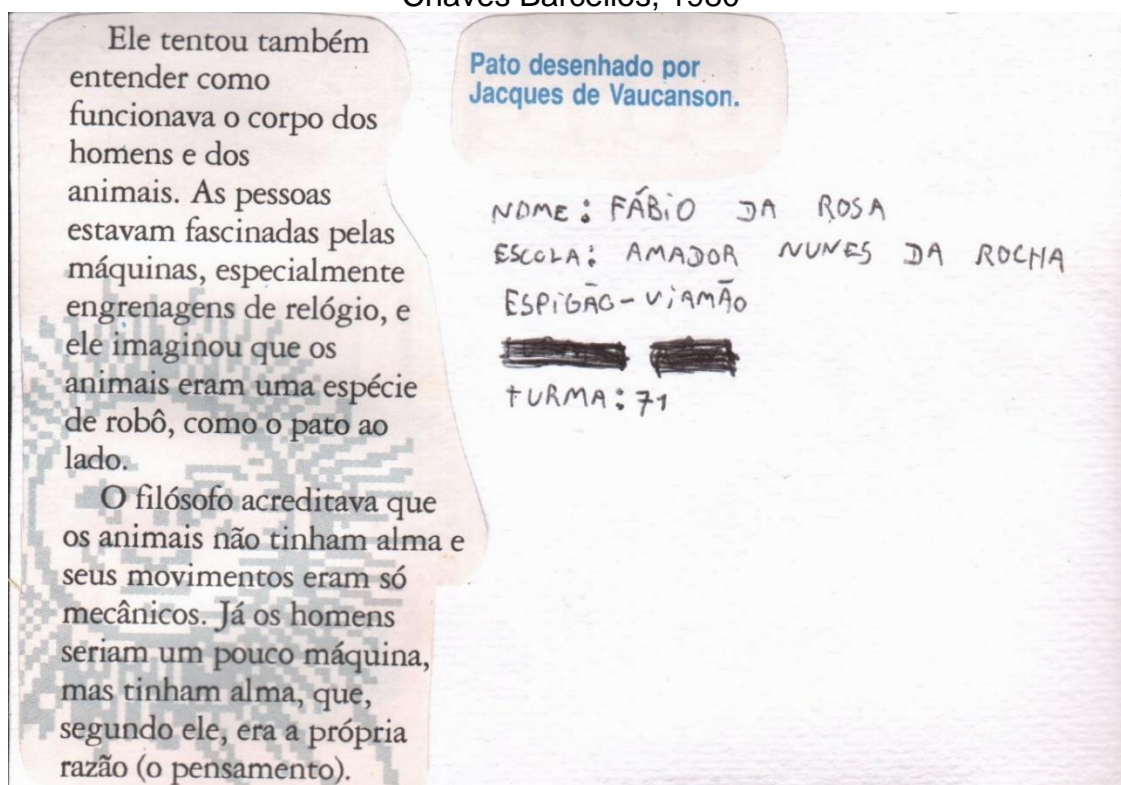


Figura 13 – Verso de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980



Destaca-se esse cartão, entre vários outros, por nos aproximar de uma discussão tão atual, a tecnologia, o humano e o animal em conexão, e sobre como nos moldamos uns aos outros. Em 2004, o canal *National Geographic* lançou uma série de programas de chamada *Crittercam*, onde câmeras são amarradas ao corpo de animais marinhos. Os animais que carregam as câmaras acopladas para os seus mundos aquosos são apresentados como criadores de filmes que relatam o estado real das coisas sem a interferência tampouco a presença humana. O equipamento transformaria a ficção científica rapidamente em realidade. “À medida que uso uma tecnologia, sou também usado por uma tecnologia [...]” (Ihde, 2002³ *apud* Haraway, 2022, p. 345).

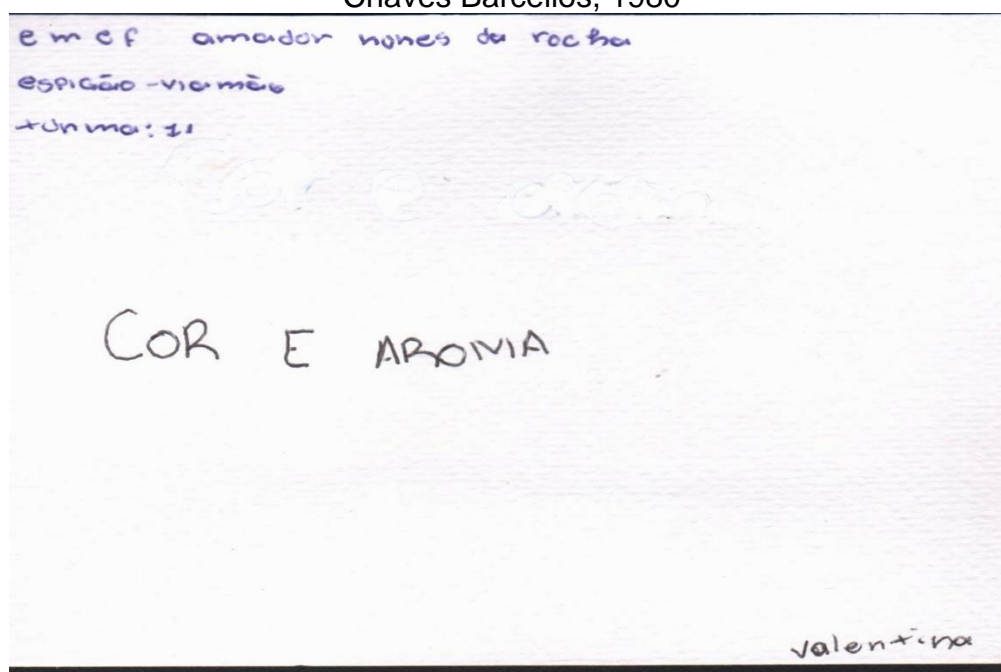
A compreensão do mundo mediado pela tecnologia, a natureza e a diversidade cultural contemporânea deverá ser objetivo primeiro dos nossos programas educativos.

³IHDE, Don. **Bodies in technology**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. p. 137.

Figura 14 – Frente de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980



Figura 15 – Verso de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980

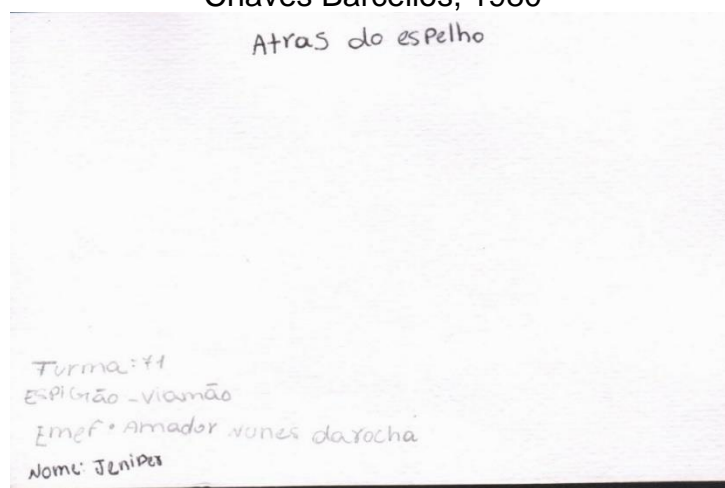


As relações sensoriais são evocadas nesta colagem assim como são nas visitas a Sala dos Pomares. Mas também a possibilidade de elaborar tintas a partir de pigmentos naturais proporcionando diversas propostas criativas dentro do âmbito educativo da arte e da ecologia. Cabe destacar que a escola é parceira nas nossas propostas desde o início do programa.

Figura 16 – Frente de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980



Figura 17 – Verso de colagem produzida a partir de Testarte VIII O cofre de Vera Chaves Barcellos, 1980



Na imagem da colagem da menina no espelho o que chama a atenção é a situação assustadora e o título “Atrás do espelho”. Se pensarmos que é no espelho que identificamos a nossa imagem, mas também projetamos nosso interior oferecendo a possibilidade de fantasiar outras realidades. O próprio espelho permanece até hoje envolto em mistério, ideias fantásticas e medo. Ele pode nos transportar fora do tempo e do espaço. Encorajar os jovens a se expressarem, a dividir seus anseios e seus medos a abrirem-se para o mundo exterior, levando-os à autonomia. Estes são só alguns exemplos de uma quantidade de trabalhos realizados a cada semestre acompanhando as propostas sugeridas pelo nosso programa educativo.

No texto de apresentação do *Testarte VII* de 1976 que serviu para pesquisa, *Aspectos sociais e sua influência na visão do mundo de grupos de adolescentes com escolaridade semelhantes e níveis sociais de vida diferente* realizada com a colaboração de Liana Maria Tubino de Souza, Vera Chaves Barcellos demonstra seus interesses multidisciplinares entre arte e ciência e de alguma maneira sua preocupação com o ambiente educacional. Nas suas palavras,

[...] ao situar-me no limiar que existe entre arte e ciência, estou consciente dos riscos que corro, mas ao mesmo tempo, não resistia à ambiguidade dessa posição. Meu espírito artístico, no sentido em que o artista lida com a ilusão (no caso as criações projetivas) parece que de certa forma se completa com as constatações ou medidas já pertencentes ao mundo das verdades ou da ciência. De toda maneira, um traço meu é crer que não há a verdade pura ou a mentira total. Talvez nesse ponto de minha mente onde essas convicções se encontram esteja eu agora concentrada, trabalhando nesse limiar entre arte e ciência, que talvez possamos chamar Vida” (Barcellos, 1979).

E na urgência de promover vida e preservar a vida que me apego às suas palavras e à vigência dos *Testartes* tendo tido a oportunidade de praticá-los nos últimos anos durante as exposições e sabendo de antemão que deveremos continuar a utilizar como estímulo para os alunos com respostas surpreendentes para os professores.

Os materiais educativos⁴ oferecem um recorte das obras apresentadas em cada exposição, colocando as obras escolhidas em diálogo com a atividade docente na perspectiva de suplementar o trabalho dos professores em sala de aula. São propostas de atividades que conectam as formas de conhecimento de mundo das obras de arte com os saberes que são desenvolvidos na escola, perdurando os conteúdos envolvidos, além do período das exposições.

No decorrer dos últimos três anos temos desenvolvido um curso de extensão coordenado pelo Professor Dr. Cristiano Bedin da FACED/UFRGS, *Ao pé da palavra: exercício de formação*, como atividade de formação docente onde alunos dos inúmeros cursos de Licenciatura têm elaborado os seus próprios materiais educativos. O interessante da experiência tem sido envolver o Museu, a Sala dos Pomares, com as suas exposições, a Universidade, seus alunos de Licenciatura, e a escola EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha no Sarandi, município de Porto Alegre.

⁴ Os materiais educativos e o acervo artístico podem ser acessados pelo site da Fundação Vera Chaves Barcellos: <https://fvcb.com.br/>

4 O LIVRO DE RECEITAS DO POMAR, PIQUENIQUES, SABORES E OUTRAS EXPERIÊNCIAS DE INTERAÇÃO COM A NATUREZA

Os pomares foram plantados acompanhando a construção da Sala de exposições e das reservas técnicas, assim, a cada nova exposição, nova colheita. Cuidar da colheita, digerir e compartilhar os frutos, administrar o desperdício ou saber o que perdemos ou ganhamos a cada estação. No inverno de 2011 iniciei o *Livro de receitas do Pomar* para anotar a colheita e as produções, bolos, geleias, compotas, casquinhas cristalizadas de laranjas, entre outras. Com o passar dos anos algumas trocas e receitas foram sendo compartilhadas.

As geleias e bolos são servidos nos eventos do setor educativo da Sala dos Pomares. As receitas para acalmar a tosse e suavizar a garganta, a folha de laranjeira fervida em caramelo e leite receita de Gabriela Rodrigues. A receita de pão de erva doce de Thaís Franco, entre as leituras de *Humano*, demasiado *Humano* de Friedrich Nietzsche (1844–1900). *Humanas Interlocuções* (2016), a sua primeira curadoria, e depois o primeiro pão bem sovado. Plantar guaco, chuchu e abacate. Dividir ameixas, pitangas e amoras e a parreira de uva com os passarinhos na primavera e no verão. Refrescar-se com a receita de suco verde de Lia Menna Barreto (Rio de Janeiro, 1959–) aliviando o calor que no jardim nunca é tão sufocante como na cidade.

A primeira ação educativa no Pomar foi realizada com a Escola Estadual Técnica de Agricultura de Viamão. A professora Sandra e cinco alunos do Ensino Médio fizeram várias visitas no decorrer do semestre onde as trocas de conhecimento foram tanto junto às árvores frutíferas quanto na exposição *Limites do Imaginário* (2013), com curadoria de Neiva Bohns (Pelotas, 1961–) e Vera Chaves Barcellos. Aprendemos a colher os cítricos com cuidado, girando os frutos com suavidade e identificando o momento certo de colher.

Geleia de Inverno 2011

O suco de 2 laranjas

O suco de 1 limão

A polpa de uma bergamota

½ kilo de açúcar

½ litro de água

Casquinhas cortadas bem fininhas da laranja

1 maçã verde

Enrolar as sementes em uma gaze. Colocá-las junto na panela. Incorporar o açúcar e deixar tudo macerando por uma hora. Colocar água e cozinhar. No início fogo forte, quando começa o ponto de marmelada diminuir a temperatura e continuar mais o menos 40 minutos mexendo com a colher de madeira. Retirar do fogo e envasar de imediato em vidros fervidos e secos. Tapar hermeticamente.

Casquinhas açucaradas

1. Cortar e retirar a parte branca da casaca de laranja.

2. Cortar as cascaras em tirinhas.

3. Colocar as tirinhas em uma panela cobertas pela água. Ferver 3 vezes descartando a água fervida a cada vez.

4. Escorrer e colocar na panela com 2 partes de açúcar e 1 parte de água. Mexer constantemente até esbranquiçar.

5. Colocar para secar separando com um garfo.

Na hora do lanche ou piquenique, colher a laranja, descascar, usar a faca e espremer o suco, separar as sementes e experimentar torna-se uma experiência quando para a maioria das crianças e jovens o comum é consumir produtos industrializados. Experimentar sabores, a mexerica mais ácida, a bergamota mais doce, a laranja de umbigo succulenta, o pomelo amargo, a lima refrescante, o limão cravo e o siciliano com seus perfumes. O olfato é requerido pelas flores de laranjeiras de cor branca e aroma doce símbolo de renovação e novos começos, prosperidade e harmonia.

Estender as toalhas na grama, colocar os alimentos para a partilha, dividir sabores e experiências culinárias, o que nos alimenta, o que pode nos saciar. Os piqueniques com Fernanda Gassen (São João do Polêsine, 1982–), aulas de História da Arte, a pintura e a paisagem, refeições ao ar livre, eventos para fotografia com os alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A artista/professora afirma que,

[...] o pensamento sobre a paisagem, inserido no ambiente urbano, constitui uma delimitação física para a pausa, para uma construção de um tempo distinto daquele das atividades rotineiras. Estar nos parques e praças é recortar o tempo, é estar em repouso ou em convívio. Esse espaço ao ar livre de uso público, essencialmente artificial, permite uma diversidade de usos de caráter lúdico, possibilitando o exercício de distintas formas relacionadas ao ócio, ao estar junto (Gassen, 2013, p. 208).

As turmas das séries finais da EMEF Amador Nunes da Rocha colheram as laranjas do pomar no turno da manhã, no retorno à escola com as merendeiras fizeram o suco e o bolo para as séries iniciais fazerem o piquenique na Sala dos Pomares à tarde. Generosidade, partilha e sem produzir lixo. Separar o lixo, pensar o seu destino, a composteira, pensar a sustentabilidade, os ciclos vitais. O cuidado de si e o do nosso entorno faz parte da ação educativa.

No ano 2023 a fatura foi de cogumelos das mais variadas espécies, colher os *Lactarius deliciosus* permitiu várias refeições para a equipe e uma experiência de partilha com as crianças e jovens do Centro de Referência de Assistência Social São Lucas, em abril de 2024, descobrir novos sabores e texturas e alimentos naturais possíveis. A importância do saber científico, quais cogumelos são comestíveis e quais venenosos e perigosos? Usar a lupa, estudar as diferentes espécies, pesquisar, observar, desenhar, reconhecer. A maior parte do tempo consideramos o mundo biológico sob um prisma econômico, supondo que tudo se resume a um cálculo racional de interesses.

Esse mundo natural e biológico generoso deve ser reconhecido, respeitado, preservado, a sobrevivência da nossa espécie depende desses ecossistemas. Defender o meio ambiente e as florestas, as plantas, manter intacto o solo, o ar e a água é a única emergência global real. Precisamos ensinar no museu, na escola para crianças e adultos a regra única e simples: haver uma planta onde quer que seja possível fazê-la viver. Aprender com Vera o cuidado da coleção de orquídeas e bromélias e também espalhar beleza.

Observar, desenhar, coletar, organizar. Com os galhos e ramos dos eucaliptos, um grupo de adolescentes com um líder coordenando a tarefa de construir uma cabana, “uma casa do pensamento”, onde cada um pode entrar e pensar fora do mundo ou dentro de um próprio mundo interior, onde inventam-se novas maneiras de viver junto. O grupo da turma do 9º ano do Instituto São Francisco de Cachoeirinha construiu a instalação com um espaço para entrar nela para pensar, espécie de lugar ritual para se conectar com a natureza de fora para dentro e de dentro para fora.

Pão de Erva Doce de Thaís Franco

*3 xíc.
Farinha(caneca)*

1pct fermento

Erva doce a gosto

3 col de sopa de açúcar rasas

1 pitada de sal

1 ovo

1/3 xíc. Azeite

½ xíc leite morno

Sovar bem! Por 1 colher de margarina, polvilha farinha para desgrudar a massa.

Deixa a massa crescer, por no forno em uma forma untada c/ margarina.

Para o verão receita de suco verde por Lia Menna Barreto

Plantar trigo em bandeja. Quando se parecem com uma grama coloco no liquidificador com 1 ou 2 maçãs sem o miolo, suco de 1 limão e ½ cálice de água boa. Depois coar com uma rede de voil.

Figura 18 – Instalação realizada por um grupo de alunos do 9º ano do Instituto São Francisco de Cachoeirinha com a Professora Leticia Staudt



Convocar artistas para oficinas e ativações no jardim convidando a comunidade local tem sido uma das estratégias para aproximar novos públicos. Com a disciplina corpo e performance da Profª Drª Paola Zordan realizamos atividades de extensão universitária. Carol Lesz utilizou a obra de Dennis Oppenheim, *Stage Transfer Drawing (advancing to a future state)*, 1971, como referência para uma roda de pintura corporal. Brenda Klein Ofereceu a prática de yoga no jardim, lembrando de *Adansonia*, de Mara Alvares, 1977. A obra em processo desde 1993, constrói por si mesma uma paisagem. Paola Zordan convida o grupo a esticar a *Teia*, táctil, maleável, feita pelo encadeamento de linhas, tecida por pontos de crochê, criando ambiências, planos de fundo e sobreposições. Penetrável é um dispositivo de sensações, agitação, gritos, risos e evoca as obras contemporâneas construídas em redes. Instalada no Pomar, captura pedaços de vegetação, resíduos inusitados, folhas secas e cuidado redobrado para desmontar.

Figura 19 – Alunos da disciplina Corpo e Performance ministrada pela Prof^a Paola Zordan



Figura 20 – Paola Zordan, Teia, 1993/2023



O surgimento da performance e da instalação no pomar baseada no tempo da experiência e relacionamentos efêmeros pode ser pensado como o objeto que incorpora o impulso artístico de todo o grupo. Isso está de acordo com a natureza fugaz e desencarnada de muito do que passa por objetividade no reino simulado do digital. Objetos devem ser agora pensados como pulsos de energia e padrões, não apenas volumes sólidos. A rede e as redes.

Explorar o ambiente, conhecer insetos, microrganismos, fungos, líquens e usar as lentes no celular para fotografias de mundos microscópicos aprendidos com Tuane

Eggers (Lajeado, 1989–) e Beto Mohr na oficina de fotografia, *Contemplan as Ínfimas Grandezas*. Esta oficina é reeditada com Ethiene Nachtigall com alguns grupos de crianças após as visitas. Outras formas de olhar também foram praticadas na oficina de desenho de observação botânica com Claudia Hamerski (Seberi, 1980–), onde os detalhes, as partes, as cores e as texturas das plantas foram observadas tanto a olho nu como com lupas de aumento. Nos encontros com a ceramista Mariana Wartchow (Porto Alegre, 1981) para meditar com argila, ainda no marco da catástrofe climática e a enchente no Rio Grande do Sul, também exploramos o jardim colhendo folhas, sementes, flores sendo acrescentados as peças como dádivas da natureza.

A arte não nos protege ou alimenta, ou cura feridas, mas é essencial para o nosso senso de nossa própria humanidade. Ela incorpora nossas ideias e sensibilidades. Nossa arte é quem somos. A cada exposição, oficina ou atividade treinamos este exercício identitário de reconhecimento de si, na nossa diversidade e nas múltiplas possibilidades de ser e nos reconhecer. São tantas experiências e tantas histórias quantas ficaram para sempre de fora dos possíveis leitores. Gosto tanto delas como de todas as exposições e obras já expostas que é difícil pensar que algumas ficam e se perdem na memória dos dias, dos anos, o que me anima às próximas que virão.

Figura 21 – Oficina de fotografia: “Contemplan as Ínfimas Grandezas”, 20/5/2023. Fotografia de Ethiene Nachtigall.



Figura 22 – Expedições: desenhos ao ar livre com Claudia Hamerski, 20/5/2020
Fotografia de Ethiene Nachtigall.



Observação de um cogumelo venenoso para o consumo, mas apto a fornecer um ótimo pigmento.

5 APONTAMENTOS PARA O FUTURO NO JARDIM

SOBRE HORIZONTES: O horizonte é o lugar em que nunca estamos. Invenção dos gregos. Artifício dos pintores. A ideia de amplitude persegue aquilo que entendemos por horizonte. Aos poucos, as cidades esqueceram de seu significado, porque sempre no fim de uma cidade há outra. Então fingimos que não há um depois, nos dirigimos ao horizonte mais próximo e contemplamos o vazio. Os românticos preferem contemplar o horizonte ao pôr do sol, apesar disto, no plano dos conceitos, o horizonte é o lugar de encontro das diferenças. É nele que o céu abraça a terra. E é através dele que o mar tange o céu (Zózimo, 2013, p. 184).

Logo depois da primeira curva, no caminho avistamos o horizonte, um pouco acima da altura do nosso olhar, a esquerda uma única árvore direciona a verticalidade da paisagem. O que aparenta ser o final da estrada se configura na visão ampliada do céu, é apenas sutil a linha de terra que demarca esse horizonte. Mas o céu pode esperar, a terra não, ela urge. Por isso depois da segunda curva os pomares, as reservas técnicas com as coleções, e a sala de exposições nos convocam. As intervenções na paisagem também. Já aconteceu e irá acontecer de novo a *Linha* de Guilherme Dable (Porto Alegre, 1976–) onde linhas geométricas em anamorfose desenhadas logo depois do portão de entrada, com a retirada de grama, nos permitem caminhar sobre a terra com a experiência de perspectiva. Em um sentido ampliando a linha do horizonte, no outro, ao longe, o ponto de fuga. Cada um de nós no centro da experiência, podendo escolher por qual lado da linha podemos seguir. Retângulos horizontais implicam um horizonte, portanto invocam a paisagem. Retângulos verticais evocam associações com a própria perpendicularidade do corpo à terra e, portanto, implicam o espaço de uma figura. Entramos na obra, a percorremos, a habitamos mentalmente, fisicamente e *imaginativamente*. Nos relacionamos com o espaço que ela ocupa e nós ocupamos visceralmente, somaticamente e teatralmente:

Essa forma simbólica estabelecida pela perspectiva não se limita ao domínio da arte, ela envolve de tal modo o conjunto de nossas construções mentais que só conseguiríamos através de seu prisma. Por isso é que ela é chamada de simbólica: liga, num mesmo dispositivo todas as atividades humanas, a fala, as sensibilidades, os atos. A paisagem não é uma metáfora para a natureza, uma maneira de evocá-la; ela é de fato a natureza (Cauquelin, 2007, p. 38).

Figura 23 – O céu como horizonte no caminho.



Figura 24 – Guilherme Dable, *Linha*, 2017



As mudanças no entorno da Sala dos Pomares se dão suavemente a cada estação, algumas de caráter temporário com diversos artistas interferindo no jardim, e com a mudança de exposição na sala. Com os visitantes e suas descobertas e experiências com o contato com a terra, as plantas, as frutas, as folhas e cascas material natural para criar. Aprender com as plantas que seguem a regra simples de crescer o quanto for possível, levando em conta a quantidade de recursos disponíveis.

A flexibilidade de seus corpos é incomparável: plasticidade fenotípica é o termo técnico que descreve essa habilidade. Elas reduzem de tamanho, engrossam, afinam, se enrolam, se curvam, escalam, rastejam, mudam a forma de seus corpos, interrompem o próprio crescimento fazem tudo o que for necessário para que seu equilíbrio com o ambiente seja o mais estável possível. Algo que devemos começar a pôr em prática de imediato, talvez humildemente inspirados no comportamento de nossas amigas plantas (Mancuso, 2024, p. 91).

Devemos levar em conta que a arte é um campo constantemente cultivado, e o trabalho do aluno de arte, tanto quanto do espectador, é superar o que sabemos para examinar e celebrar o que não sabemos. O que torna as obras do passado recente infinitamente satisfatórias são as visões que elas fornecem para um momento determinado da história. Todo artista e espectador devem fazer o mesmo para o seu

momento presente vislumbrando futuro. Nas visitas mediadas ensinamos a observar cuidadosamente, descrever precisamente, encontrar soluções para problemas identificados por meio de uma experimentação direta com as obras, mantendo a mente aberta para todas as possibilidades e aceitar críticas e olhares fulminantes na busca do ainda não realizado. Essas são habilidades de visionários, aventureiros e construtores de um futuro que ainda não compreendemos. Essas descrições, por sua vez, formam nosso senso de como nos vemos no presente e em relação ao passado recente. A arte identifica e investiga a cultura que a produz e a examina em relação a outras culturas e outras histórias, como fizemos atualmente na exposição, *Sem Metáfora* e ao longo do ano 2024.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja público (o trajeto, o caminho, a parada de ônibus 54 da RS 40 para o retorno a Porto Alegre) ou privado, o terreno, o jardim onde se assenta a Sala dos Pomares é atado a significantes de uso e é um veículo tanto para o discurso social e histórico e de constituição de memórias coletivas, quanto para associações íntimas, individuais e privadas. As instalações, as obras, as exposições, ao habitar o espaço de maneiras diretas, alteram e chamam atenção para como o espaço acumula significado e o transmite para aqueles que nele entram. A Sala dos Pomares e seu entorno é o lugar onde a minha prática é estabelecida, é o lugar onde experimento e medito sobre os resultados, é o meu *lócus* de prática com arte e educação. A crítica é a base da educação escolar da arte, e aprender a fazer uso construtivo dela é uma das lições mais difíceis e importante de absorver.

Nas mediações com as obras contemporâneas pode haver uma falácia intencional implicada, então não posso me colocar no lugar de explicar ou defender nem o discurso do artista, nem o que o objeto “possa querer dizer”. São os espectadores e a posteridade que têm a última palavra sobre o significado da obra. As exposições precisam de um olhar holístico certificando-me de que cada obra avance no propósito do todo. Esse exercício se constrói no dia a dia da exposição e na relação íntima com as obras. Mas todo processo artístico é subjetivo. A objetividade é em grande parte uma ilusão. E o contexto em que os objetos de arte operam, os removem de qualquer identidade que possam ter no mundo maior. O mundo é infinitamente complexo, e qualquer tentativa de simplificar ou de eliminar elementos contraditórios será falho em capturar a complexidade. É na sua competência metafórica que arte contemporânea tenta comprimir ou condensar esses elementos em uma forma mais abreviada ou alterada.

Ciente que estamos afetados pelas lentes o tempo todo. A lente é um agente de distanciamento. Ela coloca tudo o que é visto através dela em um ponto distante. Como nos acostumamos a ver tanto através da lente, muito do que consideramos experiência é de fato mediada pelas qualidades particulares da lente e dos aplicativos. Imagens emprestadas de fotografias ou vídeos carregarão os efeitos sutis da distância e do distanciamento que a lente cria. Nada pode substituir a observação direta, o contato próximo com as obras, as experiências imersivas. Os desafios na educação no contexto comunicacional em que vivemos exigem aprimoramento constantemente

de nossas práticas. Assim devemos continuar elaborando programas educativos que atendam às necessidades dos diversos públicos, tanto no museu, como nas instituições às quais nos vinculamos.

A cada nova exposição, novas perguntas a partir das obras, mas sempre sobre quem somos nós, como viver, o que desejamos. Nem sempre obtemos respostas. Depois de algumas semanas de muita escuta vamos conquistando desenvoltura e conseguindo alianças com os espectadores, com uma certa determinação na busca do que interessa, na busca de alguns significados.

Olhar para o nosso próprio trabalho educativo tão desapaixonadamente quanto eu conseguir. Fazer exames críticos periódicos sem ficar na defensiva ou magoada, embora seja uma reação natural quanto aos erros ou fracassos. Ficar atenta aos preconceitos, tanto de professores, quanto dos estudantes para aproveitar ao máximo os seus comentários. Nestes momentos ser resistente pode não ser construtivo e útil. Mas obriga a ser corajosa sobre o fogo, desfazendo preconceitos e promovendo a abertura de pensamento para elaborar novos conceitos.

Meu filho seguidamente me alerta sobre não haver urgência na arte, no entanto, vivo constantemente absorvida por ela na Sala dos Pomares. A arte tem seu tempo e espaço, não tem pressa. Mas em um momento crítico como o que vivemos ela aponta emergências e carências que demonstram necessidades estéticas no mundo natural e nas relações humanas. Todos os dias são novos mergulhos, novas emoções com as novas e antigas visitas. As exposições de arte passam, mas há uma coerência em uma continuidade nas escutas e diálogos em torno das obras que me constituem e me convidam a seguir caminhando no universo infinito da arte.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Vera Chaves; SOUZA, Liana Maria Tubino de. **Aspectos sociais e sua influência na visão do mundo de grupos de adolescentes com escolaridade semelhante e níveis sociais de vida diferente**. Rev. De Estudos., Novo Hamburgo, 2(2); 40 – 50, out.1979. Centro de Documentação e Pesquisa. Fundação Vera Chaves Barcellos.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM, 2021.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CHENG, François. **Cinq méditations sur la beauté**. Paris: Albin Michel, 2006.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Kleist para o presente. In: KLEIST, Heirinch von. **Sobre a fabricação gradativa de pensamentos durante a fala**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

GASSEN, Fernanda Bulegon. Parques e praças: recortes de paisagem para refeições ao ar livre. In: AVANCINI, José Augusto; GODOY, Vinicius Oliveira; KERN, Daniela. (org.). **Paisagem em questão: cultura visual, teorias e poéticas da paisagem**. Porto Alegre: UFRGS, Evangraf, 2013.

GROS, Frédéric, **Caminhar: uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MANCUSO, Stefano. **Nação das Plantas**. São Paulo: Ubu editora, 2024.

PETIT, Michèle. **Somos animais poéticos: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise**. São Paulo: Editora 34, 2024.

RHODE, Beatriz Furtado; CAUDURO, Flavio Vinicius. Testarte: imagens de pós-modernidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, p. 143, ago. 2003.

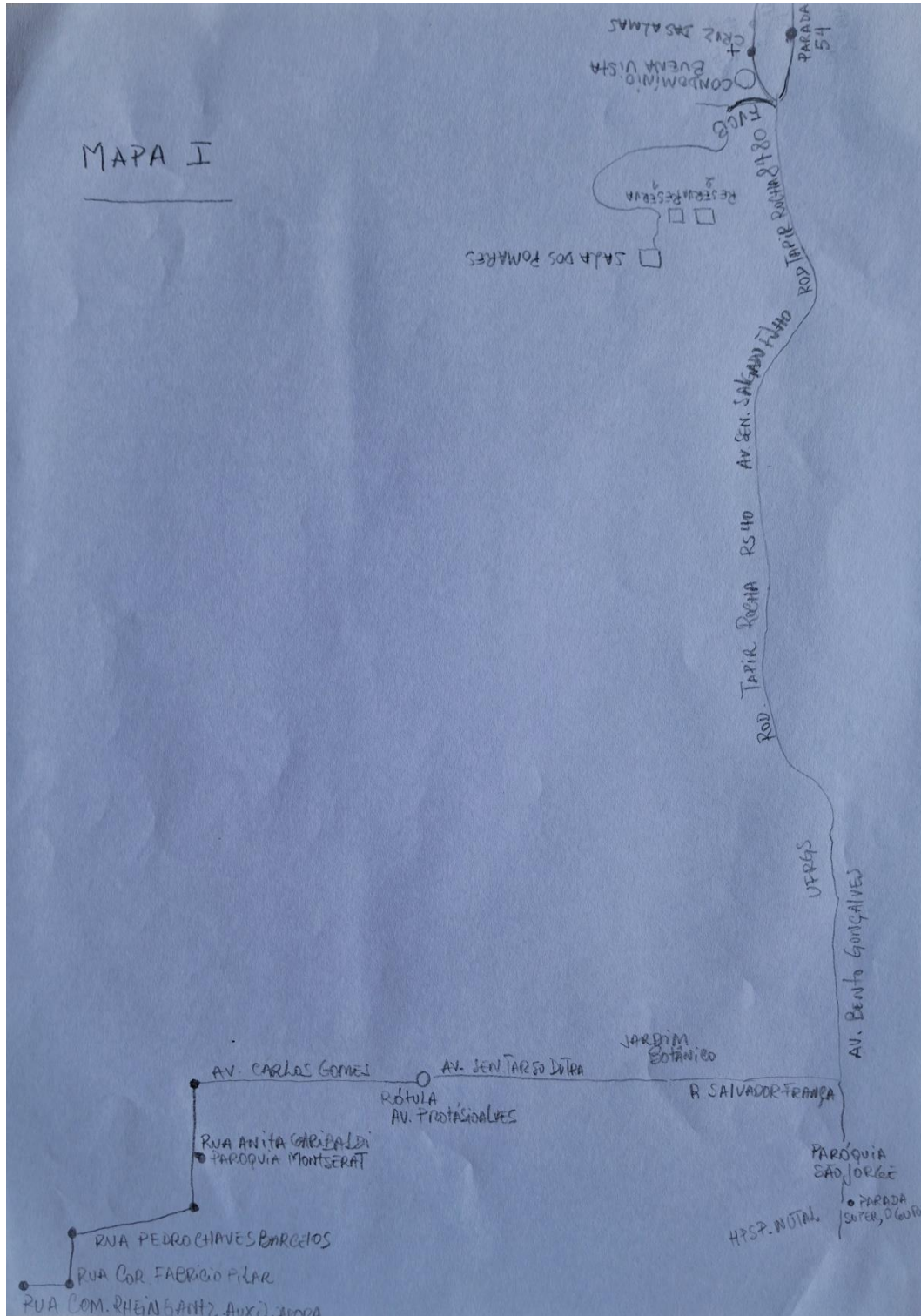
SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ZORDAN, Paola. **Gaia educação: arte e filosofia da diferença**. Curitiba: Appris, 2019.

ZÓZIMO, Michel. Notas inoportunas sobre a paisagem. In: AVANCINI, José Augusto; GODOY, Vinicius Oliveira; KERN, Daniela. (org.). **Paisagem em questão: cultura visual, teorias e poéticas da paisagem**. Porto Alegre: UFRGS, Evangraf, 2013.

APÊNDICE

MAPA I: TRAJETO PERCORRIDO ATÉ A FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS



MAPA II: FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS

